

A CODIFICAÇÃO DA REFERÊNCIA DEFINIDA POR CRIANÇAS

Aluno: Henrique Meirelles de Andrade Silva (CNPq-quota do orientador¹)

Orientadora: Leticia M. Sicuro Corrêa

Introdução:

O presente relatório apresenta as atividades desenvolvidas no período compreendido entre Agosto de 2007 e Agosto de 2008. Tais atividades incluem as leituras de textos pertinentes ao tópico do projeto, a preparação de seminários sobre alguns dos textos lidos, apresentados nos seminários de IC do LAPAL (Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem), a preparação do material para experimento conduzido com crianças e adultos e aplicação do mesmo.

Os textos introdutórios ao tópico explorado no projeto foram trabalhados em duas etapas, sendo a primeira a resenha e o estudo detalhado desses textos, e a segunda a organização de pequenos seminários desenvolvidos a partir dos mesmos. Tais seminários foram apresentados tendo como foco temas específicos que, a partir das leituras, dialogavam direta ou indiretamente com o projeto atualmente desenvolvido. Como exemplos dos textos explorados em alguns dos seminários, temos o estudo intitulado *Definiteness in Child Language*, por Luisa Meroni, Andrea Gualmini e Stephen Crain (University of Maryland, 2004), em que um determinado modelo de aquisição de conhecimento pertinente a distinções semânticas/práticas pertinentes ao traço formal de definitude, da categoria funcional D (Determinante) é avaliado; e o trabalho *Definitude e Especificidade na Aquisição da Linguagem*, apresentado na VI Semana de Letras da PUC-Rio, em Outubro de 2007, focando os primeiros passos da presente pesquisa e apresentando alguns dos primeiros trabalhos relativos ao tópico explorado para os alunos da instituição.

Além dos textos introdutórios, alguns textos mais aprofundados e focados em diferentes línguas também foram lidos, como os trabalhos *Possession as a Lexical relation: Evidence from the Hebrew Construct State* (Heller, 2002) e *Feature Specification in the Modern Greek DP* (Marinis, 1999).

A parte prática do presente projeto, de forma geral, se deu após as leituras e seminários apresentados, tendo o seu foco na elaboração e na aplicação de um experimento de produção eliciada da referência definida/indefinida. É importante ressaltar que embora os mais recentes passos da presente pesquisa tenham sido de cunho mais prático, o levantamento de uma diversificada literatura relacionada ao tópico explorado foi e ainda está em levantamento.

A aquisição de uma língua materna requer a identificação das distinções de natureza conceptual e intencional, tomadas como gramaticalmente relevantes. As distinções de caráter conceptual-intencional pertinentes à referência a entidades estão vinculadas à representação de categorias funcionais do léxico como D (Determinante) e Num (Número gramatical). *Definitude* apresenta-se como um traço semântico/formal que codifica na língua informação que possibilita a identificação do referente por parte do ouvinte. Fatores como totalidade da referência aos elementos de um conjunto ou unicidade da referência afetam o modo como a definitude será expressa no sintagma determinante (DP). Além disso, a codificação da referência definida envolve uma tomada de posição por parte do falante relativa ao estado de

¹ Projeto CNPq 504133/2007.1

conhecimento do ouvinte. No caso da criança, essa habilidade encontra-se também em desenvolvimento, no que concerne à Teoria da Mente (ToM) – capacidade que permite inferir estados mentais (i.e. sentimentos, desejos, crenças e intenções) dos outros e de si mesmo (Premack & Woodruff, 1978).

Estudos com crianças que adquirem o inglês e o francês revelam que, aos três anos, estas se comportam de forma pouco sistemática com relação ao uso de determinantes, havendo uma tendência para o uso do artigo definido em contextos não apropriados, sendo que a partir dos quatro anos o uso de determinantes se aproxima do padrão adulto (Maratsos, 1976); (Karmiloff-Smith, 1979). Estudos recentes, na perspectiva da teoria linguística minimalista, sugerem que identificar as marcas específicas de definitude na língua pode acarretar variações entre línguas no desenvolvimento da habilidade de lidar com a referência (Munn & Schmitt, 2005; Pérez-Leroux et al., 2004). O PB (Português Brasileiro) apresenta-se de forma pouco consistente para a criança no que se refere à referência definida. Por exemplo, ao dizer *vou lavar a mão*, o falante do PB está se referindo a ambas as mãos. Assim sendo, unicidade da referência pelo artigo definido singular pode não encontrar uma expressão clara para a criança que adquire o PB. Além disso, o fato de ter de levar em conta o estado de conhecimento do ouvinte pode entrar em conflito com a codificação de totalidade/unicidade da referência. Por exemplo, se o falante crê que o ouvinte não sabe que há uma formiga no universo de discurso em questão, deve dizer “o cachorro mordeu uma formiga”. No entanto, se este privilegiar totalidade ou unicidade da referência (se só há uma formiga no contexto), poderá dizer “o cachorro mordeu a formiga”. Estudo preliminar com falantes adultos de PB investigou como esse conflito seria resolvido e constatou-se que o conhecimento compartilhado é privilegiado, a ainda que conciliar as demandas pertinentes a este fator com outras, relativas fatores como totalidade e unicidade da referência sejam custosas mesmo para adultos.

Neste estudo, busca-se verificar de que modo a criança concilia os fatores acima mencionados ao descrever um evento. Um experimento foi planejado para este fim e encontra-se em processo de execução. Essa pesquisa mostra-se relevante para uma teoria da aquisição da linguagem que leva em conta a interação entre a língua e sistemas conceituais/intencionais como determinante de habilidades pertinentes à referência, contribui para um maior conhecimento do PB e, de um ponto de vista aplicado, provê resultados que podem facilitar o entendimento do desempenho linguístico de crianças e a identificação de possíveis dificuldades de linguagem.

Materiais e Métodos

A. Material Utilizado

- 2 fantoches:
 - Masculino (Dedé)
 - Feminino Vendado (Lili)
- Um piso emborrachado de 30 X 50 cm
- Brinquedos em forma de animais de maior porte (1 exemplar de cada tipo):
 - Cachorro, macaco, gato, gata, vaca, sapo, porco, passarinho e coelho.
- Brinquedos em formas de animais de pequeno porte (6 exemplares de cada tipo):
 - Formigas, abelhas, borboletas, lagartas, joaninhas, aranhas e lagartixas
- Um gravador



Brinquedos: cachorro e formigas



Brinquedos: gata e borboletas

B. Metodologia

A metodologia é experimental, própria do estudo psicolinguístico da aquisição da linguagem e o paradigma da produção induzida por meio de ações com brinquedos é utilizado. No experimento em execução, as variáveis independentes são: *compartilhamento de conhecimento* (compartilhado/ não compartilhado), *totalidade da referência* (referência a todos / alguns elementos de um conjunto) e *numerosidade* (referente único / múltiplo), como medidas repetidas e *idade* como fator grupal (Grupo de 12 crianças de 2-3 anos e de 12 crianças de 4-5 anos, adultos). Este *design* deu origem a oito condições experimentais e 3 situações-estímulo foram criadas para cada condição, num total de 24 situações-estímulo divididas em 3 blocos contendo uma situação-estímulo por condição. As listas de estímulos utilizadas nas testagens foram formadas a partir da aleatorização das condições, tendo em vista a mesclagem das seguintes condições:

1. Referente compartilhado; total e único.
2. Referente compartilhado; total e múltiplo.
3. Referente compartilhado; referente não total e único.
4. Referente compartilhado; não total e múltiplo.
5. Referente não compartilhado; total e único.
6. Referente não compartilhado; total e múltiplo.
7. Referente não compartilhado; não total e único.
8. Referente não compartilhado; não total e múltiplo.

Utilizando-se os brinquedos previamente apresentados à criança, o experimentador encena, no piso de cartão, uma determinada situação (Ex.: *A borboleta beijou a gata*), pedindo à criança que conte a um dos fantoches o que ela acabou de ver. Após a encenação, cabe ao experimentador dizer à criança a quem a informação será direcionada. Desta forma, ora a criança direcionará a informação ao fantoche vendado, ora ao fantoche não-vendado. A primeira variável dependente considerada é o número de respostas esperadas com base comportamento do adulto. As demais serão definidas em função das estratégias predominantes no comportamento das crianças.

Resultados

Até então foram testadas 17 crianças de 3 anos de idade, 12 de 5 e 10 adultos. Do primeiro grupo, contudo, somente 7 completaram um número mínimo 2 blocos de eventos. Assim sendo, esta amostra continua sendo ampliada. De qualquer forma, uma ANOVA (análise da variância) foi conduzida com os dados obtidos até então). Os resultados obtidos serão apresentados no Congresso da ALFAL (Associação Latino-Americana de Filologia e Linguística), a ser realizado em agosto de 2008 em Montevideo (Correa, Augusto e Andrade-Silva, 2008). Reportam-se a seguir estes resultados.

As respostas-alvo para cada condição foram computadas. Dado que algumas crianças não passaram pelos três blocos, médias foram calculadas para todas as condições. Estas foram submetidas a uma ANOVA correspondente ao *design* acima, na qual os fatores intra-sujeitos são medidas repetidas. Todos os fatores acarretaram efeitos principais significativos -- Idade: $F(2,26) = 49.07$ $p < .0000$ (cf. Gráfico 1); Compartilhamento $F(1,26) = 44.12$ $p < .00001$ (cf. Gráfico 2); Totalidade: $F(1,26) = 69.5$ $p < .000001$ (cf. Gráfico 3) e Unicidade: $F(1,26) = 6.22$ $p = .02$ (cf. Gráfico 4). Houve ainda efeitos significativos da interação entre Totalidade e Idade: $F(2,26) = 14.78$ $p = .0001$ (cf. Gráfico 5); Compartilhamento e Totalidade: $F(1,26) = 25.31$ $p < .0001$ (cf. Gráfico 6); Idade, compartilhamento e Totalidade: $F(2,26) = 3.78$ $p < .05$ (cf. Gráfico 7).

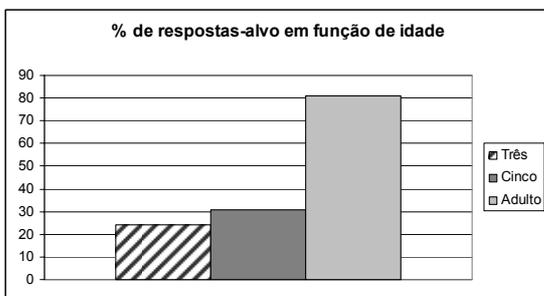


Gráfico 1

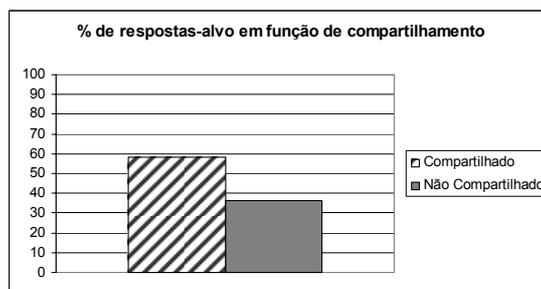


Gráfico 2

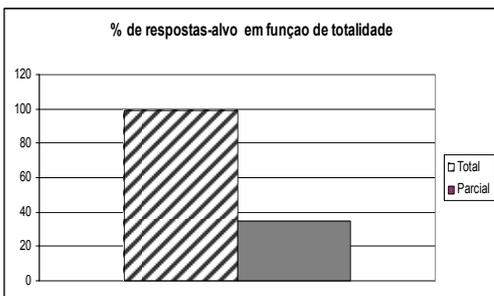


Gráfico 3

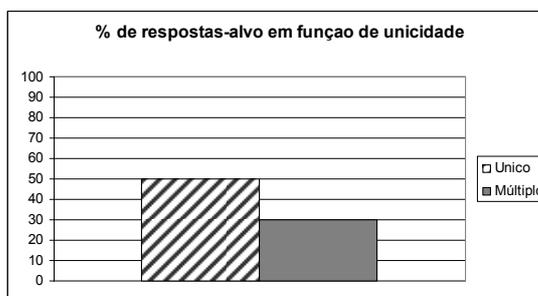


Gráfico 4

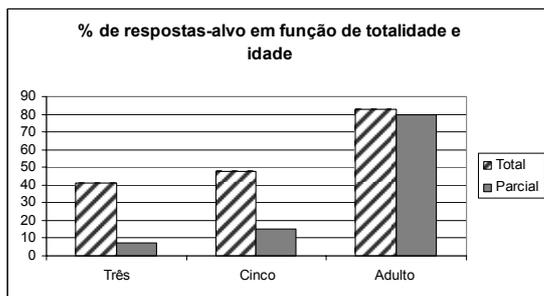


Gráfico 5

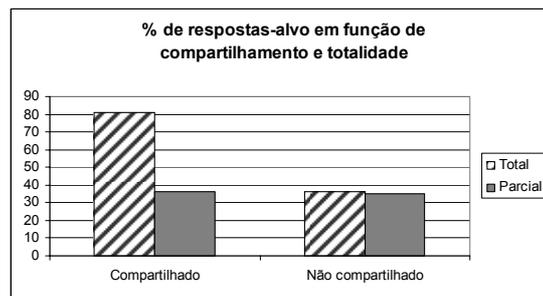


Gráfico 6

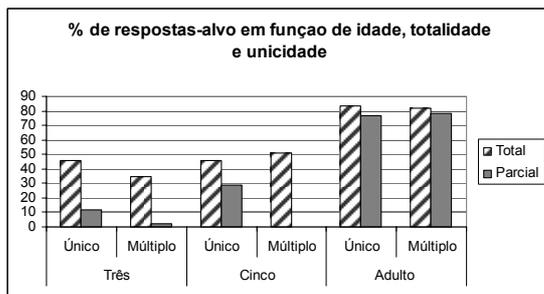


Gráfico 7

O efeito de *idade* revela que o desempenho de crianças de 5 anos é mais próximo ao de crianças de 3 do que do desempenho de adultos. O efeito de *compartilhamento* indica que conhecimento não compartilhado apresenta dificuldade de desempenho independentemente de *idade*. A codificação do resultado de uma operação que seleciona um subconjunto dos referentes é particularmente árdua, como indica o efeito de *totalidade* e observa-se que a codificação do número plural acarreta maior demanda (Gráfico 4). Este efeito reflete, não obstante, a interação com *idade*, *totalidade* e *unicidade*, explicitado no Gráfico 7. O efeito da interação entre *totalidade* e *idade* (Gráfico 5) demonstra que ainda aos 5 anos a referência a um subconjunto por meio de artigo definido plural ou do quantificador não foi superada. O Gráfico 6 demonstra que, na condição de conhecimento não compartilhado, não há distinção em função de totalidade, o que se deve a um uso generalizado da referência definida.

Os resultados obtidos até então sugerem que não apenas as crianças de três anos, mas também de cinco anos tendem a utilizar o artigo definido independentemente de o referente corresponder a um subconjunto do conjunto de animais na situação encenada. Também fazem uso de numerais para diferenciar referência parcial e total e apenas poucas parecem levar em conta o estado de conhecimento do ouvinte, ainda que de forma pouco consistente. Essa testagem deverá ser seguida de um experimento de compreensão com vistas a verificar em que medida distinções não estabelecidas na fala são percebidas pela criança.

Referências

CORRÊA, L. M. S. O que, afinal, a criança adquire ao adquirir uma língua? A tarefa da aquisição da linguagem em três fases e o processamento de informação de interface pela criança. **Letras de Hoje**, Número Especial, 2007b.

CORRÊA, L. M. S. O desencadeamento (bootstrapping) da sintaxe numa abordagem psicolinguística para a aquisição da linguagem. Em: R. Quadros e I. Finger (Orgs.). **Teorias de Aquisição da Linguagem**. São Paulo: Contexto, 2007a (no prelo).

CORRÊA, L. M. S. e AUGUSTO, M. R. A. Definitude e genericidade na aquisição do Português Brasileiro (PB): interface gramática e pragmática. Trabalho apresentado na ALFAL 2008, Montevideo, 18-22 agosto.

- HELLER, D. (2002), Possession as a Lexical Relation: Evidence from the Hebrew Construct State, **L. Mikkelsen and C. Potts (eds.) WCCFL 21 Proceedings**, pp. 127-140.
- KARMILOFF-SMITH, A. 1979. **A functional approach to child language: A study of determiners and reference**. Cambridge: University Press.
- MARATSOS, ML. 1976. **The use of definite and indefinite reference in young children**. Cambridge: University Press.
- MUNN, A. & C. Schmitt (2005) Number and indefinites. *Lingua* 115, 821-855.
- PÉREZ-LEROUX A.T., A. Munn, C. Schmitt & M. DeIrish (2004) Learning definite determiners: Genericity and definiteness in English and Spanish. **Supplementary Proceedings of the Boston University Conference on Language Development BUCLD, 2003**.
- PREMACK, D. and WOODRUFF, G. (1978). *Does the chimpanzee have a theory of mind?*, **Behavioral and Brain Sciences**, 4:515.526.
- MARINIS, T. (2001). Feature Specification in the Modern Greek DP: Acquiring Reference, Case and Agreement. - **In: Proceedings of the 4th International Conference on Greek Linguistics**, 512-519.
- MERONI, L., GUALMINI, A. & CRAIN, S. (2004) Definiteness in Child Language, **Proceedings of the 23 West Coast Conferen on formal Linguistics**, 583-594.